

## Prática Docente: Debatendo Sobre Preconceitos

Debater os preconceitos nos cotidianos escolares nem sempre é uma tarefa simples. Encontramos resistências da comunidade escolar e também da sociedade em geral que, nos últimos tempos, vem tentando controlar o que trabalhamos e discutimos nas salas de aulas. Esse processo ocorre tentando cercear o debate sobre gênero, sexualidades e principalmente sobre a superação de preconceitos presentes na escola. Assim, neste artigo, comentarei sucintamente a experiência de desenvolver um projeto que discutisse os preconceitos, em especial o machismo, a lgbtfobia e o racismo na escola. No ano de 2017, através de um Edital da SEE e FAPEMIG tive a oportunidade de desenvolver na escola em que trabalhava, após aprovação, o projeto denominado "Combatendo desigualdades, desconstruindo preconceitos: negras LGBTQs no espaço escolar". Tal ideia partiu de algumas curiosidades pertinentes às estatísticas referentes à população de travestis e transexuais negras, concluintes do ensino médio. Quais seriam elas? Ou, qual a parcela dessa população que chega a concluir o ensino médio e a ingressar nas universidades?

Esses questionamentos são advindos de outras experiências, como a do ano de 2016, quando, ao participar da criação do projeto e dando aulas voluntariamente em um cursinho de preparação para o ENEM para travestis e transexuais, foi possível perceber que um alto índice delas não havia sequer concluído o ensino fundamental. Em conversas informais, foi alegado que se evadiram do espaço escolar por não suportarem a alta carga de preconceitos que tinham que enfrentar cotidianamente.

Com isso, ao voltar o olhar para a escola em que eu trabalhava, de periferia, com maioria dos/as estudantes negros/as e algumas alunas travestis, busquei refletir sobre quais as condições de ensino eram

oferecidas àquela população na escola e quais as influências em sua permanência no contexto educacional. Assim, durante o desenvolvimento da pesquisa, buscando colocar em discussão não só os preconceitos de gênero e raça, mas também tantos outros diferentes preconceitos que perpassam a vida dos nossos estudantes, além de grupos sociais inferiorizados socialmente, pude perceber as consequências dos preconceitos na vida de cada um deles.

Sobre isso, na escola em que atuei como professor percebi que era comum alguns estudantes tentarem inferiorizar o outro, seja em relação ao gênero, à raça ou a qualquer outro tipo de diferença. Os LGBTs eram marcados por meio de xingamentos ligados à sexualidade como: bixinha, boiola, viadinho, etc. Sobre as mulheres, eram corriqueiras as falas de meninos objetificando o corpo da mulher, determinando seu caráter e moral pela quantidade de pessoas que se relacionava ou a roupa que estava vestindo. Em relação aos negros, era comum alunas pedirem para ir ao banheiro e voltarem com os cabelos molhados. Tais comentários estavam sempre disfarçados de piadas, além de demonstrar como o preconceito estava presente naqueles espaços, também contribuíam para consagrar históricos de desigualdades e discriminações.

Assim, esse projeto foi importante para enfrentar, naquele momento, intensas discussões sobre a "ideologia de gênero", uma vez que, na cidade de Uberlândia, vereadores tentavam barrar qualquer discussão sobre gênero e sexualidades nas escolas da cidade.

Assim, começamos a questionar: atual o papel da escola na construção de cidadãos e cidadãs que respeitem as diversidades? Qual o peso da omissão da escola na sua responsabilidade de criar uma sociedade mais justa e igualitária? Qual o papel da escola, incluindo diretores, supervisores, professores e alunos/as na construção de ações de combate ao racismo, machismo, homofobia e qualquer tipo de preconceito? Qual a responsabilidade da escola nos altos índices de evasão escolar causados especificamente por práticas preconceituosas?

A partir disso pautamos nossas ações que se iniciaram com a

**Aplicação dos Indicadores de Qualidade da Educação<sup>1</sup>**, para diagnosticar o problema dos preconceitos presentes na nossa escola, principalmente o racismo.

### **Resultados e Discussão**

Durante o desenrolar de algumas ações fomos capazes de perceber essa cultura da estigmatização, da inferiorização do outro, e subverter esses ciclos de violências que estão naturalizadas nos discursos, nas falas, nas agressões físicas e/ou verbais, ocorridas dentro das escolas. A partir delas, fomos capazes de perceber a construção histórica e política dos discursos e das identidades no interior de um sistema cultural androcêntrico, eurocêntrico, patriarcal, racista e transfóbico que exclui e designa ao outro o caráter de inferioridade, instituindo desigualdades, assimetrias e hierarquizações sociais.

Assim, ao longo do desenvolvimento desse trabalho, percebemos que os preconceitos, a violência, as estigmatizações são corriqueiras na escola, e que causam danos talvez irreparáveis na vida dos(as) estudantes. Então, realizamos ações que visassem quebrar o ciclo de preconceito dentro da nossa escola, em que o primeiro passo foi rever nossas próprias práticas e assim ir trilhando caminhos de respeito e valorização das diversidades, construindo na escola um espaço plural, diversa em que diferenças não sejam motivo de exclusão ou inferiorização social.

### **Sobre o autor**

Daniel Henrique de Oliveira Silva é doutorando em Educação – UERJ – Rio de Janeiro.

### **Referências**

---

<sup>1</sup>Os Indicadores da Qualidade na Educação Relações Raciais na Escola foram elaborados visando contribuir com a superação do racismo nas escolas.